

AS TÉCNICAS DE PESCA E O CONHECIMENTO TRADICIONAL ENVOLVIDO NAS ATIVIDADES DOS PESCADORES ARTESANAIS DA COMUNIDADE DE SANTA CRUZ, ES – BRASIL*

Ricardo de Freitas Netto

Mestrando em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Diretor Presidente do Centro de Estudos em Ecossistemas Marinhos e Costeiros do Espírito Santo (CEMARES)

André Gustavo Alves Nunes

Mestre em Múltiplos pela Universidade de Campinas (Unicamp) e Professor da Faculdade de Ciências da Saúde da FAESA

Jacqueline Albino

Doutora em Geologia Sedimentar pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo – IG/USP – e Professora do Departamento de Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

INTRODUÇÃO

Por um longo tempo, estudos a respeito de pescadores e de sua produção foram marcados, no Brasil, por uma visão folclórica e idílica. Ressaltava-se apenas sua vida pacata, indolente, ou seu tipo humano, sua coragem para enfrentar os perigos da profissão do mar. Em alguns casos, desde o Brasil colônia até o contemporâneo, suas comunidades eram descritas como entidades isoladas, alheias aos processos econômicos. O modelo econômico

brasileiro dos últimos anos, concentrador de renda e voltado para a exportação de grandes empresas, veio acentuar o abandono a que estão relegadas as pequenas produções agrícola e pesqueira, em particular a da pesca artesanal.

Faz-se fundamental a desmitificação da imagem da pesca artesanal que, nos meios urbanos bem como nos órgãos da administração pesqueira, é vista como uma “atividade marginal” ou como uma peça de folclore. A pesca artesanal desempenhou e continua a

(*) Nossos agradecimentos ao senhor Pedro, pescador de Santa Cruz, que proporcionou a minha integração à comunidade e contribuiu consideravelmente para a realização deste estudo; a Lupércio Araújo Barbosa, pela ajuda nas saídas de campo; a Cynthia Massote, pelas críticas; ao departamento de Ecologia e Recursos Naturais, pelo apoio logístico; à empresa Aracruz Celulose, pelo apoio financeiro fornecido ao projeto.

desempenhar um papel fundamental na produção pesqueira deste País, intimamente vinculada ao mercado e à pesca empresarial capitalista. Portanto, não é nem marginal, nem folclórica. Na verdade, encontra-se pressionada, com profissionais explorados e carentes do apoio que se deu tão fartamente à pesca empresarial-capitalista nesses últimos anos, particularmente por meio dos incentivos fiscais. O resultado mais evidente dessa política foi a depredação dos recursos vivos do oceano, a exploração de mão-de-obra e o empobrecimento do próprio pescador artesanal (DIEGUES, 1995). A pesca artesanal, por ser considerada importante meio de produção no litoral brasileiro, vem recebendo grande ênfase nos últimos anos como forma de preservação cultural e biológica. Cresce o reconhecimento de que o modo de vida de alguns segmentos, culturalmente diferenciados, é menos predatório do que o da sociedade industrial, segmentos dos quais as comunidades de pescadores artesanais fazem parte, com sua produção intimamente ligada ao ambiente no qual vivem e com a capacidade de adaptação que possuem para viver e explorar esse ambiente (FERNANDES e MACHADO-GUIMARÃES, 1994).

Dessa forma, para gerar mais informações sobre esse segmento da sociedade, foi realizado um estudo na comunidade de pescadores artesanais do distrito de Santa Cruz, Município de Aracruz – ES. Em virtude de o órgão regulador da pesca no Estado do Espírito Santo, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA), não dispor de informações atualizadas sobre Santa Cruz, os dados gerados por este estudo serviram como fonte para o setor pesqueiro do Estado, na tomada de medidas de gerenciamento costeiro. Além disso, mostraram a importância social, econômica e ambiental dessa comunidade de pescadores artesanais para o distrito de Santa Cruz, quando divulgados para a sociedade por meio de palestra e exposição. Os dados apresentados neste trabalho incluem a descrição das técnicas de pesca e o conhecimento tradicional

envolvido na atividade dos pescadores artesanais de Santa Cruz.

A área de estudo

Localização

O Município de Aracruz está localizado no litoral norte do Espírito Santo, a 80 km da capital do Estado, Vitória. Ocupa uma área 1.435 km² e é dividido politicamente em cinco distritos: Sede, Santa Cruz, Riacho, Guaraná e Jacupemba. O Município é drenado pelas bacias do rio Riacho, com 1.081 km, e do rio Piraquê, com 457 km². Às margens do rio Piraquê, na desembocadura do rio, junto ao estuário, está localizado o distrito de Santa Cruz, distante 65 km da capital (Figura 1).

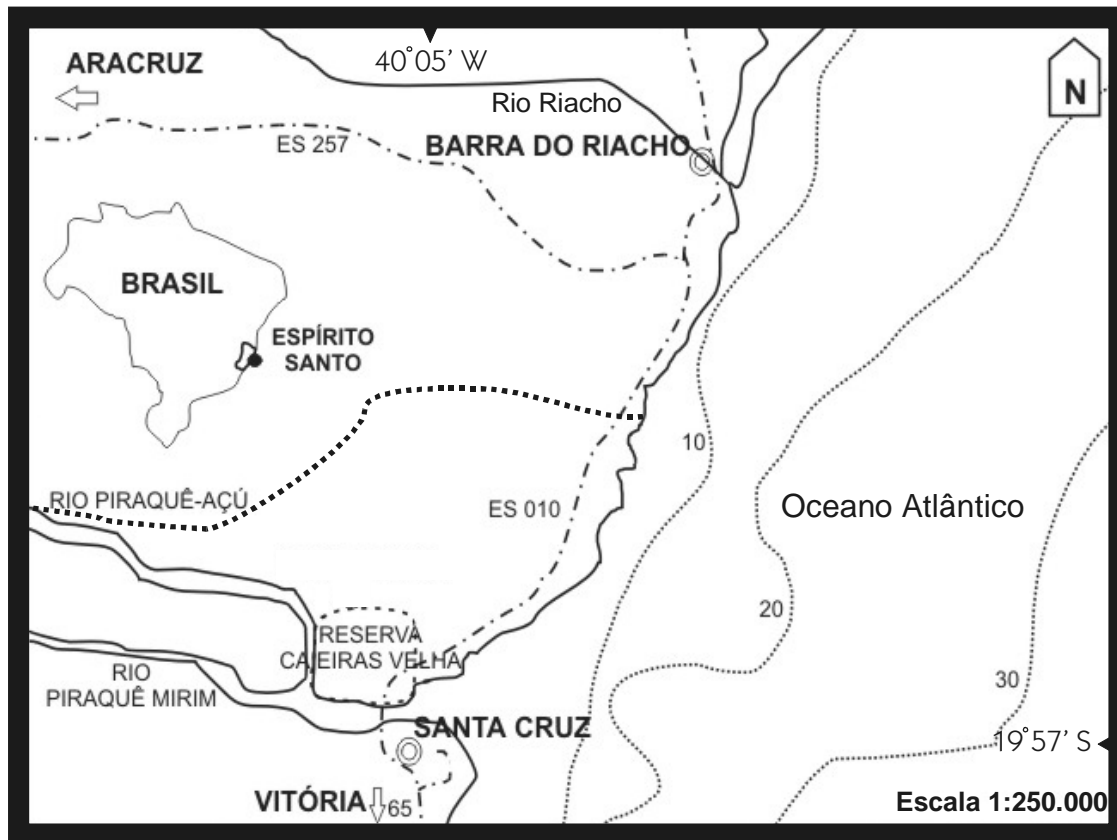
ASPECTOS CLIMÁTICOS

O clima desse trecho do litoral brasileiro é do tipo W (oeste) pseudo-equatorial, em zona caracterizada por chuvas tropicais de verão – estação chuvosa –, com estação seca durante o outono e o inverno. Porém, as duas últimas estações podem registrar precipitações frontais de descargas, devido às massas polares. A temperatura média anual é de 22° C; a média das máximas fica entre 28° e 30° C, ao passo que a média das mínimas se apresenta em torno de 15° C.

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

Hoje a comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz é composta por 18 indivíduos, um número variável devido à instabilidade da atividade. Pelo mesmo motivo, metade desses indivíduos exerce outra atividade remunerada para a complementação da renda familiar. Quatorze dos chefes de família concluíram o ensino fundamental. A maioria dos filhos cursa o ensino médio, e dois deles têm formação superior. A maioria dos pescadores possui residência própria (13 dos 18 pescadores), com uma média de quatro cômodos por residência. As embarcações somam um total de nove, todas registradas em alguma entidade regulamentadora da atividade de pes-

Figura 1
Localização da área de estudo



ca. Dos pescadores, pela irregularidade da atividade, cinco não possuem registro de pesca. A comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, apesar de continuar a lutar para exercer a profissão, apresenta muita dificuldade em dar continuidade à atividade. O desinteresse pela atividade entre os filhos é o principal fator de desaparecimento dessa comunidade, visto que a perpetuação do pescador artesanal não ocorre dentro de uma nova formação social (FREITAS NETTO, 2001).

METODOLOGIA

Num primeiro momento, foi aplicado um questionário, denominado Questionário Base, a todos os pescadores artesanais da comunidade, por meio do qual se buscou levantar as técnicas de pesca empregadas em Santa Cruz. Esses dados são apresentados na Tabela 1. A partir do questionário, foi possível identificar

os “Mestres” das embarcações, os quais possuem um conhecimento maior sobre a pesca e o transmitem com maior facilidade. Esses foram alvo de entrevistas mais detalhadas, pelas quais se poderiam obter informações mais precisas a respeito do conhecimento ecológico do pescador. Essas entrevistas, feitas com o auxílio de um gravador, respeitaram sempre um roteiro, semi-orientado, a partir do qual o pesquisador, de tempos em tempos, efetuava intervenções para trazer o informante aos assuntos que pretendia investigar. Nesse procedimento, o informante fala mais que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador (QUEIROZ, 1991). Os dados obtidos nas entrevistas com gravador foram todos transcritos, analisados, e dispostos em forma de trechos que os ratificam.

O registro fotográfico implementado forneceu dados visuais importantíssimos, prin-

principalmente para a descrição das técnicas utilizadas pelos pescadores. Além disso, a fotografia serviu como importante ferramenta para a realização de uma outra modalidade de entrevista – a foto-entrevista – na qual as fotos são examinadas em conjunto, pelo pescador e pelo pesquisador. Dessa forma, a tensão da entrevista pode ser reduzida: o informante fica mais à vontade, pois deixa de ser o foco principal da investigação e passa a ser um guia experiente que conduz o pesquisador através do conteúdo das imagens. Esse método levou o informante a falar sobre personalidades, lugares, processos e artefatos, a fornecer um grande fluxo de informações sobre sua realidade, enriquecendo o trabalho (NUNES, 1998). Vale ressaltar que, neste estudo, a foto não representa nem a arte, nem apenas a comunicação, mas a referência, que é a ordem fundadora da fotografia (BARTHES, 1984). Algumas das fotos estão presentes nas pranchas que ilustram parte das atividades da pesca artesanal de Santa Cruz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do Questionário Base, foi possível identificar o uso de três técnicas de pesca artesanal pelos pescadores de Santa Cruz: a do balão, a da linha e a da rede (Tabela 1).

PESCA DE BALÃO

A técnica da pesca de balão consiste em posicionar o balão na lâmina d'água e, nave-

gando em uma velocidade bem lenta, para que as portas do balão não se quebrem, fazer o arrasto deste ao fundo, durante um período variável de uma a duas horas, dando voltas na região onde se encontra o pescado. Ao final do arrasto, o pescado que ficou retido na malha do balão é colhido dentro do barco (Prancha I).

O pescador conhece sua região e sabe que “lamas longas” só ocorrem nas regiões de Barra do Riacho e do Rio Doce. Dentro de Santa Cruz, encontram-se em meio às rochas características da região. Daí o fato de a técnica do balão não ser produtiva, realizando-se principalmente para se conseguir o camarão que serve como isca para a pescaria de linha. Os pescadores de Santa Cruz saem para a pesca do balão na madrugada, período em que há maior fartura de camarão, por uma ou duas horas, conforme descrito anteriormente. Logo após, iniciam a viagem para o “pesqueiro” onde se realizará a pesca de linha em que o camarão é usado como isca.

“Bota o balão no barco e joga na posição certa onde tem a lâmina, aí você arrasta uma duas volta, três volta, né? No período de uma hora uma hora e meia, aí nesse meio tempo levanta o balão e pega o camarão pra você pescá, né? Aí depois que você tá com aquele camarão dentro da embarcação, dentro do bote, aí você sai praticamente uma hora, duas horas de mar afora e vai procurá o peixe até a posição! Mas primeiramente é o balão, né? E depois que

Tabela 1
Técnicas de pesca artesanal utilizadas pelos pescadores da comunidade de Santa Cruz

TÉCNICA UTILIZADA	OCORRÊNCIA
Balão e linha	1
Balão, linha e rede	4
Linha	4
Linha e rede	8
Rede	1

“você vai pescá!... Barra do Saí é... lá no rio Doce! Essas região aí que tem lamas muito longas, né? E as nossas lamas aqui dentro de Santa Cruz, principalmente, elas fica por dentro das pedras dos arrecifes altos, né?... O balão sempre de preferência de madrugada, né?... não aqui em Santa Cruz, aqui em Santa Cruz só dá mesmo pra isca.”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Na comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, cinco pescadores utilizam o balão (Tabela 1). O arrasto do balão, conforme dito anteriormente, permite apenas a captura de pequena quantidade de camarão. A utilização dessa técnica com o intuito de produzir quantidade de pescado para venda é completamente inviável na região. O motivo é a constituição da plataforma continental em Santa Cruz, que apresenta predominância de grânulos de cascalho ou areia muito grossa. As lamas litobioclásticas – descritas anteriormente como “lamas” – são encontradas apenas em pontos isolados (ALBINO, 1999), o que não favorece o desenvolvimento do camarão. Sendo assim, a técnica é utilizada na maioria das vezes para obter isca para a pesca de linha e, eventualmente, para consumo próprio ou venda na comunidade.

PESCA DE LINHA

A técnica da pesca de linha consiste principalmente no uso da pargueira, uma espécie de linha com um peso na extremidade final, onde são dispostos de 20 a 30 anzóis. A pargueira é presa por meio de um grampo no carretel que o pescador manuseia na pescaria (Prancha II). Quando existe fartura no pesqueiro, numa pargueira podem vir até vinte peixes, dependendo do número de anzóis que forem utilizados. Cada pescador leva em média 14 pargueiras nas saídas de pesca, pois, em caso de emaranhamento de anzóis, que ocorre com facilidade, o melhor é utilizar outra pargueira ao invés de tentar desemaranhá-los, o que seria uma perda de tempo na pescaria.

“Quando é peroá, cê pesca cada pargueira com vinte anzol, trinta anzol, né, Arnaldo?!?... Aí, quando a linha bate no fundo, cê deixa ela firme ali, quando tem o peixe, cê vê logo o balançar da linha, puxando pro fundo. Aí, cê puxa em retorno que o anzol entra na boca do peixe e cê puxa às vezes dois, três peixes. Quando tem muito, cê pode até puxá cinco ou seis peixes, como já aconteceu, né? Até treze eu já peguei! Agora, peroá, até vinte, quando cê bota trinta anzol, vinte cinco anzol, até vinte mesmo, se tiver muito, cê traz. Agora, quando tem pouca, elas começa a roubá as isca, né?... Uma faixa de 14 pargueira pra cada pescador, cada pescador leva quatorze pargueira, quinze pargueira, isso é o mínimo, tem gente que leva vinte. O Arnaldo mesmo leva uma porção pra pesca até o meio dia, né? É importante que, quanto mais cê leva, mais cê vai desenvolver a pesca, porque quando embolô com uma daquela ali, cê tira aquilo e joga lá no canto, e isso aí engata outra, a outra que tá novinha, e isca ela e ripa pra frente, né? Num pode perdê tempo!”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

A pesca de linha em Santa Cruz, quando se trata de barcos de menor porte – em torno de 6 metros e sem cabine –, é geralmente realizada em um dia, saindo do cais pela madrugada e retornando por volta do meio-dia. Já em barcos de porte um pouco maior – com cerca de dez metros e dotados de cabine –, a pesca se estende por três a cinco dias, portanto é necessário que os barcos estejam equipados com instrumentos de navegação, suprimentos para a tripulação e gelo para conservar o pescado. Durante a pescaria, à medida que vão sendo capturados, os peixes são acumulados na borda do barco e, quando chega o meio-dia, são dispostos dentro da urna com o gelo. Depois do almoço, continuam a pescar, gelando o peixe só pela tarde. O motivo de se abrir a urna apenas duas vezes ao dia é a necessidade de economia do gelo. Quando o dia

está nublado ou chuvoso, o pescado pode ser gelado só à tarde, pois não existe o perigo de o peixe estragar. Entretanto, uma nova técnica de conservação do pescado e do gelo está sendo usada por um pescador de Santa Cruz. Por essa técnica faz-se uso de esteiras de Taboa confeccionadas pelos Guaranis de Caeriras Velha. A técnica consiste em colocar todo o pescado na borda do barco, à medida que os peixes forem sendo capturados, e estender por cima a esteira, molhando-a frequentemente com água do mar. Tal procedimento permite a conservação do peixe até o final do dia, mesmo em dias quentes, fazendo com que a abertura da urna seja feita apenas uma vez e, mesmo assim, em horário de temperatura mais amena, conservando-se melhor também o gelo.

“Essa pescaria do meu barco, por exemplo, é pescaria de três dias a cinco dias. Aí cê tem que colocar cem caixas de gelo, né? No meu barco agora coloca 200 litros de óleo diesel, 200 litros de água, um rancho, que é a comida que se fala rancho, né?... peroá eles pesca até praticamente meio-dia quando o sol tá muito quente, né? Gela aquela quantidade, quando o dia tá frio... chuva... assim pesca o dia inteirinho e só gela o peixe só à tarde, né? Aí à noite descansa, dorme, faz o rancho lá, e come e vão dormi e, quando chega ali de manhã cedo, aí começa a pescá outra vez,... Agora é que eu tô usando uma técnica aí! ... É com esteira, eles vão pegando o peixe, vão pegando o peroá e vão amontoando e bota a esteira em cima, esteira mesmo, aquelas feita de taboa! Aí o sol pode tá quente do jeito que tivé, e joga água do mar em cima daquela esteira, e aquela esteira conserva o peixe até de tarde! Aí cê pesca desde manhã cedo até de tarde... e gela o peixe à tarde, sem perigo de estragá o peixe, perdê o peixe. Aí adianta, em vez de cê tá abrindo a urna, perdendo gelo!”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

A pesca de linha é a técnica mais utilizada pelos pescadores da comunidade. Apenas um

não a utiliza (Tabela 1). São dois os motivos pelos quais essa técnica é preferida na comunidade: primeiro, a técnica permite a especificação do pescado a ser capturado; segundo, as condições ambientais favorecem a utilização da técnica ao longo do ano. A pesca de linha permite ao pescador localizar o pescado que houver em abundância e/ou tiver melhor aceitação no mercado. A experiência adquirida pela vivência diária no mar ajuda o pescador, de certa forma, a monitorar o cardume ao longo de sua área de atuação e a buscar exatamente o que é de seu interesse. As condições ambientais precisam ser favoráveis para as saídas de pesca. Na região estudada, assim como em boa parte do litoral do Estado, são predominantes os ventos alísios, vindos do quadrante NE – ENE durante a maior parte do ano (ALBINO, 1999), fazendo também com que o mar fique calmo a maior parte do ano. As condições a favor do pescador são: uma embarcação com grande capacidade de armazenamento de pescado, porte, potência, e aparelhos de navegação, condições que permitirão a duração da pesca até seis dias no mar. Já as pequenas embarcações, que não têm condições de viajar longas distâncias atrás do pescado, ficam pescando junto à costa. Um detalhe interessante é que alguns pescadores, que não possuem instrumentos de navegação ou experiência no mar, só navegam até distâncias de onde possam avistar algum ponto fixo em terra para se guiarem, como, por exemplo, a fumaça das chaminés das indústrias de celulose da região. Esses fazem pescarias de apenas um dia, saindo pela madrugada e retornando quando ocorre a viração, ou seja, quando o vento NE se torna mais forte, geralmente após o meio-dia.

PESCA DE REDE

A técnica do uso da rede consiste em amarrar vários Panos de Rede, de modo que se forme uma rede de tamanho grande, que proporcionará a captura de um maior número de peixes. Entretanto, existe uma forma correta de se amarrar e colocar os panos de rede dentro

d'água para que o conjunto não fique tenso demais e prejudique tanto o emalhamento dos peixes como o recolhimento da rede. O conjunto deve ser montado ainda em terra, antes da colocação da rede no barco, pois, dentro do barco e no mar, a montagem fica inviável. Inicialmente, amarra-se ao primeiro pano de rede da série a poita – que vai segurar a rede para que as correntes não a levem mar afora – e, em seguida a bóia, que marcará o local onde foi deixada a rede. Alguns pescadores usam a bandeira junto à bóia. A poita, que é uma espécie de âncora, algumas vezes é substituída por uma pedra ou por outro objeto capaz de realizar o mesmo trabalho. Pronto esse conjunto, amarra-se a ele outra poita e, a partir dela, outro conjunto de panos de rede. Isso é o Pé de Galinha, um ponto fixo que segura um conjunto de panos de rede de cada lado, dando seguimento à estrutura linear que a rede inteira tem (Prancha III). A vantagem desse processo é que a rede fica mais maleável às correntes, “pescando”, como diz o pescador, e mais leve quando tiver que ser recolhida, pois serão puxados quatro panos de rede de cada vez, e não todos juntos.

“A rede, se cê não souber colhê ela na embarcação e colocá a tralha certa, num vai funcioná não! Ela vai ficá dura, vai fica tensa dentro d’água! Num vai pescá não!...nóis a cada quatro pano de rede, nóis coloca um ancorote; o ancorote é uma âncora, ela segura quatro pano de rede. Ali vem o pé de galinha, aí solta mais quatro pano tudo emendado, mais aí aquele ancorote segura quatro pano... e assim por diante; num tem peso pra cê puxá que a rede num vem toda de uma vez, ela num estaca todinha em cima da embarcação, ela estaca de quatro em quatro pano no ancorote. Aí cê puxa aquilo dali, é mais fácil pra cê puxá, a rede fica mais molinha, num fica tensa... sempre coloquei duas poitas, em meses de maré grande, né? que nóis já perdemos rede inteirinha de ressaca de maré, né?”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Na comunidade de Santa Cruz, 100% dos pescadores concordam que o fenômeno ambiental que mais interfere nas atividades pesqueiras da comunidade é a entrada do vento Sul, quando predomina o vento Nordeste em todo o litoral do estado do Espírito Santo. Dessa forma, o uso da rede em Santa Cruz normalmente se restringe aos períodos de frente fria, quando entra o vento Sul e o mar fica agitado. Essa condição ambiental não favorece a pesca de linha, que demanda a presença do pescador na atividade todo o tempo. Com o uso da rede, é possível colocá-la pela tarde e retirá-la na manhã seguinte, evitando, dessa forma, permanecer no mar por muito tempo. O prejuízo causado pela permanência num mar agitado pode envolver desde a danificação da embarcação até problemas com a saúde dos pescadores, como, por exemplo: ferimentos com anzóis, riscos com o gás de cozinha ou com a parte elétrica da embarcação, resfriados, entre outros. O movimento constante da embarcação, por causa das grandes ondas de frentes frias, provoca constantes náuseas, que podem levar inclusive à desidratação do pescador em alto mar.

Outro motivo pelo qual a pesca de linha não acontece com frentes frias é que o pescado de linha geralmente pára de se alimentar nesse período. Segundo os pescadores, quando o mar fica agitado, o peixe “endoida”, fica “alvorçado” – pelo fato de entrar areia nas guelras dele –, fugindo da costa. Nesse intervalo em que o peixe se desloca é que ele encontra a rede e fica preso, de modo que precisa ser retirado num curto intervalo de tempo. Isso porque o pescado não resiste muito tempo dentro d’água e logo estraga, principalmente se a pesca estiver sendo realizada para o “lado do norte” (desembocadura do rio Doce) onde as águas são mais quentes. Como a pesca é realizada de um dia para o outro, não é necessário o uso de gelo para a conservação do pescado, mesmo porque ele só vai ser retirado da rede no cais.

“E a rede também pode pegá peixe só na época do mar agitado. Com a mudança de

tempo do vento sul é que o peixe se afasta da beira da costa, né?... por quê? Ah, o peixe de rede, quando o mar mexe... que o mar fica brabo, o mar mexe todinho, o peixe endoida; o peixe endoidando, aí cê tem facilidade de pegá ele, porque alvoroça todo, sai, né? Aí cê pega ele na saída, então é por quê? Porque o mar mexeu, o peixe ficô... endoidô, entra areia nas guelras do peixe; tem peixe que sai mais pra fora, né? Quando o mar volta a acalmá você pega ele na entrada outra vez... e nesse intervalo onde encontra, e que passa na rede e que pega... Então eles vão colhendo periodicamente e vão tirando o peixe, né! Porque o peixe, passô de um certo período, se a água estiver quente principalmente, eles estraga com muita facilidade, né? Se a água tá fria, não, mas quando a água tá quente, o peixe, fácil, fácil eles estraga, fica meio moído. A nossa região aqui, a água ainda é muito fria, né? Mas do rio Doce pra cima, passô de duas hora, o peixe apodrece, cê perde o peixe, com certeza cê perde o peixe, a água é quente mesmo!”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Ainda existem dois tipos de rede que são a boiada e a de fundo, ou seja, uma fica na superfície e outra, no fundo. Segundo os pescadores de Santa Cruz, utiliza-se a rede boiada em luas escuras (Nova), pois o peixe fica na superfície. Quando a lua está clara (Cheia), os peixes deslocam-se para o fundo, daí a utilização da rede de fundo. O pescador de Santa Cruz percebeu que a luminosidade, lua cheia ou nova, interfere no comportamento do pescado.

Na comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz, as três técnicas de pesca estão constantemente sendo alternadas, de acordo com as condições ambientais. Durante a estação chuvosa (primavera e verão), existe uma maior estabilidade das condições marítimas, com predomínio de ventos alísios do NE e, conseqüentemente, mar calmo, o que favorece a pesca de linha. Já na estação seca, quan-

do ocorrem precipitações frontais de descargas devido às massas polares – ou frentes frias –, as condições tornam-se mais instáveis, havendo a necessidade de alternar a técnica de pesca segundo a condição ambiental. O mesmo fato foi percebido na comunidade de Zacarias, na lagoa de Marica – RJ, onde, durante os meses de maior estresse climático (junho/julho, outubro/novembro e dezembro/janeiro), constatou-se a utilização das três técnicas de pesca praticadas na comunidade (FERNANDES e MACHADO-GUIMARÃES, 1994).

“Linha, cê procura o local lá fora, onde cê pode achá o peixe; tem vezes que cê acha, tem vezes que cê não acha, e tem ocasião que num dá peixe de rede, só de linha! Tem ocasião quando a lua fica muito clara, num dá peixe na rede; é mais em ocasião de lua escura, né? Então, quando num dá uma coisa, então eles só conserta uma rede na praia, vão procurá outro tipo de peixe, vão procurá através de espinhel, né? ... É uma coisa rotativa, não é uma coisa fixa, né? Cê não pode trabalhá numa pesca só, se cê só trabalha na pesca de camarão, por exemplo, cê não vive! Se cê trabalhá só na pesca de rede, ainda vá lá que seja ainda, a pessoa que pesca só com rede, que tem muito material, que tem muito material mesmo, cinqüenta peças em cada barco, quarenta, cinqüenta peças em cada barco, cê ainda consegue vendê, consegue arranjá alguma coisa, né? Mas pesca de camarão, pesca de linha, isso tem que diversificá, né?”

(Pescadores Artesanais de Santa Cruz)

Segundo Toledo (1991, *apud* MARQUES, 1995), a espécie *Homo sapiens* coexiste – cooperativa e conflitivamente – com o ambiente que a cerca, procurando adaptar-se, conhecendo e agindo por meio de um jogo de sobrevivência. Isso resume, de forma bastante simples, a condição do homem, que está ligado à teia de vida em condições idênticas às dos demais seres vivos e, ao mesmo tempo, ao sistema social, como autor e ator na natu-

reza (LIMA, 1984, apud MARQUES, 1995). Essa é a condição do pescador artesanal de Santa Cruz, que busca de diversas maneiras sustentar a atividade pesqueira a fim de assegurar sua sobrevivência dentro de um ecossistema imprevisível como o marinho. Por esse motivo, a técnica da pesca deve estar aliada a um comportamento e a um conhecimento adequado adquirido através das gerações, os quais assegurarão o sucesso da atividade.

CONCLUSÃO

As técnicas utilizadas pelos pescadores artesanais de Santa Cruz seguem um padrão que os leva a alcançar o objetivo da atividade. Por exemplo, a técnica do balão, utilizada

de madrugada, para capturar o camarão que servirá de isca para a de linha, técnica direcionada aos “peixes de pedra” e utilizada, na maioria das vezes, por causa dos padrões de vento NE predominantes na região; e, finalmente, em frentes frias, a técnica da rede, empregada na captura dos “peixes de lama”, visto que a de linha é inviável para isso. Esses padrões foram determinados em função do conhecimento dos pescadores, adquirido no ambiente em que vivem. As relações intraespecíficas que eles estabelecem, no comportamento social da pesca com os companheiros, e as interespecíficas, nas técnicas mais apropriadas para a captura do pescado, só ratificam o profundo conhecimento ecológico e tradicional do pescador artesanal.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, J. *Processos de sedimentação atual e morfodinâmica das praias de Bicanga à Povoação – ES*. 1999. 175 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Geologia Sedimentar do Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- BARTHES, R. *A câmara clara*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- DIEGUES, A. C. S. *Povos e mares*. 1. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.
- FERNANDES, G. Q.; MACHADO-GUIMARÃES, E. M. Eficiência das estratégias de pesca na comunidade de Zacarias, APA de Marica, RJ. In: SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA BRASILEIRA: SUBSÍDIOS A UM GERENCIAMENTO AMBIENTAL, 3., 1994, Serra Negra. *Anais...* Serra Negra: ACIESP, 1994. v. 1, p. 222-227.
- FREITAS NETTO, R. *Os pescadores artesanais de Santa Cruz e o desenvolvimento de suas atividades*. 2001. 77f. Monografia (Especialização em Ecologia e Recursos Naturais) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2001.
- MARQUES, J. G. W. *Pescando pescadores*. 1. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.
- NUNES, A. G. A. *Os argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória – ES*. 1998. 207f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RESUMO

As técnicas de pesca empregadas pela comunidade de pescadores artesanais de Santa Cruz e o conhecimento tradicional adquirido ao longo dos tempos são um dos segmentos de um estudo realizado durante os anos de 2000 e 2001, abrangendo vários aspectos dessa comunidade. O objetivo foi fornecer subsídios a esses pescadores para a defesa do “seu lugar”, pois sua subsistência e sobrevivência ainda hoje vêm sendo ameaçadas por atividades pesqueiras industriais que prejudicam a pesca e o ambiente de Santa Cruz. Neste estudo, foram aplicados questionários a toda a comunidade. Apenas alguns pescadores foram alvo de entrevistas mais fechadas, com auxílio de gravador. O registro fotográfico foi utilizado em outra modalidade de entrevista: a foto-entrevista. Foram identificadas três técnicas de pesca: a de balão, a de linha e a de rede. Essas técnicas são utilizadas com base num conhecimento que o pescador adquiriu na prática e que é mostrado neste estudo. O objetivo deste trabalho é registrar a atividade do pescador artesanal de Santa Cruz, pois a continuidade desse segmento culturalmente diferenciado, cujo conhecimento foi adquirido ao longo de séculos de experiências diretas e de contato com o meio ambiente, permite uma interação correta e ecológica com o recurso pesqueiro.

PALAVRAS-CHAVE

Técnicas de pesca – Conhecimento tradicional – Pesca artesanal – Santa Cruz e Espírito Santo.

ABSTRACT

The fishing techniques used in the artisanal fishermen community of Santa Cruz, and its traditional knowledge along the time, are parts of a study realized in 2000 and 2001, including several aspects about this community. The intention of this study was to provide subvention to this community to the defense of “their place”. Due to their environment, subsistence and surviving, they’re still threatened by industrial fishery activities – almost predatory – injuring the fishery and environment of Santa Cruz. To raise up this information, questionnaires were applied to all community, having as a target some fishermen in closed interviews, using a tape recorder. The photographic register was used in a different kind of interview modality: the photo-interview. Three fishing techniques were identified: the bottom trawl net, the simple line and gillnets. These techniques are used through a knowledge that the fisherman acquired with practice and it is showed in this study. The objective of this work is to register the artisanal fisherman activity of Santa Cruz, because the continuity of this culturally differentiated segment, which acquired knowledge through centuries of direct experimentation and contact with environment, allowed their correct and ecological interaction with fishery resource.

KEYWORDS

Fishing techniques – Traditional knowledge – Craft fishery – Santa Cruz and Espírito Santo.